Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Poéticas Interdisciplinares: entre linguagens

Interdisciplinary Poetics: in-between languages

Guto Nóbrega
0000-0003-4631-2934
gutonobrega@eba.ufrj.br

Malu Fragoso
0000-0002-7720-0241
malufragoso@eba.ufrj.br

Marina Fraga
0000-0001-9930-2612
marinafraga00@eba.ufrj.br

Doris Kosminsky
0000-0003-2087-3928
doriskos@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um panorama da linha de pesquisa Poéticas Interdisciplinares do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A linha PI articula práticas artísticas e pensamento crítico em uma perspectiva inter e transdisciplinar. Reunindo investigações com foco na experimentação estética e na criação como forma de pesquisa, espiritualidade, exploram-se temas como visualização de dados, ecoperformance, arte em rede, natureza e saberes não hegemônicos, contribuindo para a formação de artistas-pesquisadores e para a expansão epistemológica das artes visuais contemporâneas. A abordagem enfatiza seu caráter interdisciplinar, que integra arte, ciência, tecnologia, corpo, ecologia, espiritualidade, *design* e performance, entre outras vertentes.

Palavras-chave

Poéticas interdisciplinares. Pesquisa em arte.
Experimentação estética. Saberes não hegemônicos.

Abstract

This article offers an overview of the Interdisciplinary Poetics research line of the Graduate Program in Visual Arts at the School of Fine Arts, Federal University of Rio de Janeiro. The line articulates artistic practices and critical thinking through inter- and transdisciplinary approaches. Bringing together investigations focused on aesthetic experimentation and creation as a form of research, it addresses themes such as data visualization, ecoperformance, networked art, nature and non-hegemonic knowledge systems, and spirituality. It contributes to the training of artist-researchers and to the epistemological expansion of contemporary visual arts. The approach emphasizes its interdisciplinary nature, integrating art, science, technology, body, ecology, spirituality, design, and performance.

Keywords

Interdisciplinary poetics. Art research.
Aesthetic experimentation. Non-hegemonic knowledge.

PPGAV/EBA/UFRJ
Rio de Janeiro, Brasil
ISSN: 2448-3338
DOI: 10.60001/ae.n49.22

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Introdução

Criada no início dos anos 2000 pelos professores Carlos Alberto Murad e Celso Guimarães, com contribuições da professora Angela Leite Lopes e do professor Carlos Azambuja, a linha de pesquisa Poéticas interdisciplinares (PI) nasceu de uma inquietação com os limites disciplinares tradicionais da arte. Com formação e atuação no campo da fotografia e da imagem técnica, Carlos Murad e Celso Guimarães, propuseram um espaço de pesquisa voltado para a integração entre diferentes campos de saberes, mídias e linguagens artísticas. Angela Leite Lopes ampliou a pluralidade de abordagens da linha a partir de sua contribuição ao campo da performance e da dança, problematizando a perspectiva do corpo em cena como campo de investigação estética e política, enquanto Carlos Azambuja, mediante a integração de práticas artísticas com tecnologias emergentes, agregou à linha uma abordagem transdisciplinar valorizando a experimentação e a reflexão crítica. Sua pesquisa concentrada nas relações entre imagem, interatividade e tecnologias digitais, explorando como esses elementos contribuem para a construção de narrativas visuais e experiências estéticas, permitiu ao corpo investigativo das Poéticas Interdisciplinares explorar domínios para além da imagem como representação, considerando-a processo e dispositivo de pensamento, abordando temas como virtualidade, poética coletiva e mediação tecnológica.

A linha PI encontra-se inserida na área de concentração Teoria e Experimentações em Arte, que se estrutura a partir da articulação entre prática artística e formulação teórica, com ênfase em processos experimentais de criação. Essa área abriga pesquisas que investigam a arte contemporânea em sua pluralidade de linguagens – visuais, sonoras, performáticas, tecnológicas e espaciais –, compreendendo-a como campo crítico, estético e político. Dentro dela, a linha Poéticas Interdisciplinares se destaca por promover abordagens transdisciplinares que mobilizam saberes sensíveis, tecnologias emergentes, práticas colaborativas e cosmologias não hegemônicas. Por meio do entrelaçamento entre arte e tecnologia, natureza e ancestralidade, corpo e imagem, a linha contribui para ampliar os horizontes epistemológicos da arte como forma de pesquisa. Ao longo dos anos a linha se consolidou como um espaço singular de experimentação e investigação artística. Sua constituição inicial, ancorada na reflexão crítica

sobre a fotografia e os regimes da imagem técnica, rapidamente se ampliou com a entrada de novos docentes cujas práticas atravessam campos como performance, dança, *design* gráfico, arte digital, bioarte, ecoperformance e visualização de dados.

Em 2009, a chegada de Maria Luiza Fragoso (Malu Fragoso), vinda da UnB, consolidou a ênfase em arte em rede, processos colaborativos e tecnologias telemáticas. Em parceria com Carlos Augusto Moreira da Nóbrega (Guto Nóbrega), que ingressou na linha em 2010, agregou-lhe uma perspectiva transdisciplinar com ênfase num domínio em que arte, ciência, tecnologia e natureza têm sido norteadores no desenvolvimento de teorias e práticas artísticas. Alicerçados pelo Grupo de Pesquisa Nano, Núcleo de Arte e Novos Organismos, consolidado no contexto de seu laboratório homônimo, esses pesquisadores vêm explorando um campo investigativo em que os conceitos de hibridação e biotelemática têm sido a temática de práticas artísticas e teorias, substanciadas por meio de seu principal evento, o Hiperorgânicos.

Também em 2010, Doris Kosminsky integra à linha investigações sobre o *design* especulativo e a visualização de dados como linguagens artísticas. Quatro anos depois e durante uma década (2014-2024), o professor Leonardo Ventapane articulou a fotografia e o *design* à arte contemporânea como interesses de pesquisa. De 2019 a 2024, a linha passou a contar com a contribuição das novas docentes Irene Peixoto e Walmeri Ribeiro, esta última professora colaboradora da UFF, com investigações sobre territórios sensíveis e poéticas ambientais. A professora Marina Ferreira Frega (Mari Fraga) foi integrada à linha em 2024, com pesquisas em escultura, instalação, fotografia e performance, expandindo seu perfil para temáticas que entrelaçam crítica ao Antropoceno, mudanças climáticas, extrativismos, e epistemologias insurgentes em contraste com o pensamento científico, contribuindo para a diversidade de abordagens na linha. Entendemos que tal pluralidade temática significa uma convergência estruturada em torno da arte como campo investigativo expandido, capaz de agenciar saberes e práticas provenientes das ciências humanas, das tecnologias digitais, das geociências, das cosmologias ameríndias, dos estudos feministas, da filosofia e da ecologia. A coerência da linha se revela, justamente, na escuta e na articulação sensível dessas perspectivas.

Nos últimos 15 anos, a linha se destacou por seu investimento sistemático no campo da arte e tecnologia, trazendo discussões relevantes sob a influência

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

incontestável do mundo midiático em que vivemos. Esse campo foi alicerçado por iniciativas como o Núcleo de Arte e Novos Organismos, o qual foi berço para o desenvolvimento de projetos com ênfase na arte em rede, biointerfaces, realidade aumentada, hibridação e arte biotelemática, entre outros. Mediante investigação de processos de hibridação entre organismos naturais e artificiais, por meio de práticas que envolvem sensores, interfaces ambientais, sistemas autônomos e mídias interativas, o laboratório articula arte e ciência em uma perspectiva sensível e crítica, propondo experiências imersivas e ecossistêmicas que expandem a noção de corpo, presença e relação. Uma característica singular do Nano é a valorização do organismo natural como modelo e a base relacional com a natureza fundada em saberes originários para constituição de sua poética. Essa dimensão emerge em trabalhos que abordam cosmologias não ocidentais, escuta de territórios, espiritualidades, rituais e modos de existência que desafiam os paradigmas modernos de separação entre natureza e cultura. Ao integrar práticas tecnológicas com modos de vida ancestrais, o Nano propõe uma matriz poética que tensiona dicotomias como humano/não humano, orgânico/artificial e conhecimento científico/saberes tradicionais, abrindo caminho para uma arte relacional, conectiva e regenerativa.

Ainda no campo das mídias digitais de natureza numérica, destaca-se o trabalho de Doris Kosminsky, cuja atuação no campo da visualização de dados se alicerça em uma perspectiva poética e crítica. Sua pesquisa propõe a compreensão da visualização não apenas como ferramenta analítica, mas como forma estética de apreensão do mundo e de mediação sensível de informações complexas. Ao explorar o potencial expressivo das estruturas visuais de dados, Kosminsky contribui para a criação de novas linguagens gráficas que revelam padrões, relações e afetos ocultos em grandes volumes de informação. Essa abordagem tem particular relevância no contexto das práticas sustentáveis, pois permite visualizar dinâmicas ambientais, ciclos naturais e impactos humanos em ecossistemas de maneira compreensível e engajada. A poética da visualização de dados, nesse sentido, torna-se um instrumento ético e estético de crítica e cuidado, ajudando a formular novas narrativas sobre o planeta e a vida em comum. Ao articular *design*, arte e ciência, seu trabalho amplia o escopo da produção artística para dimensões especulativas, reflexivas e transformadoras.

É nessa confluência de saberes e poéticas que a linha PI exerce papel estratégico e estruturante no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

UFRJ. Sua relevância se expressa tanto na consolidação de campos emergentes de pesquisa quanto na formação de artistas-pesquisadores capazes de transitar entre diferentes linguagens, saberes e epistemologias. Ao promover um ambiente de experimentação estética, investigação conceitual e cruzamentos transdisciplinares, a linha contribui para a expansão crítica do campo das artes visuais, estimulando práticas engajadas com os desafios contemporâneos. Sua atuação se destaca pela abertura a processos colaborativos, pelo acolhimento de perspectivas não hegemônicas e pela articulação entre arte, ciência e sociedade. Essa orientação se reflete na produção de teses e dissertações que abordam temas como o corpo em trânsito, tecnologias sensíveis, cosmologias ancestrais, práticas ambientais e redes de criação. A linha também se destaca pela formação continuada de seus egressos, muitos dos quais hoje atuam como docentes, curadores, artistas e agentes culturais em instituições de ensino, pesquisa e arte, tanto no Brasil quanto no exterior. Com isso, a PI fortalece a inserção acadêmica e social do PPGAV, reafirmando seu compromisso com a arte como forma de conhecimento, pensamento crítico e transformação.

Após a aposentadoria de alguns de seus fundadores e o desligamento de integrantes, a linha Poéticas Interdisciplinares se mantém viva pela atuação dos professores: Doris Kosminsky, Guto Nóbrega, Malu Fragoso e Mari Fraga. Abordamos a seguir mais detalhadamente o escopo das atividades de pesquisa desses docentes e seus grupos, considerando suas trajetórias e como tais saberes e métodos têm sido fundamentais na formação discente do PPGAV e seu corpo de egressos.

Arte em rede

Em 2009, após 15 anos de atuação na Universidade de Brasília, a artista e pesquisadora Maria Luiza Fragoso, conhecida como Malu Fragoso, ingressou no PPGAV/UFRJ. Concursada para o Departamento de Comunicação Visual da Escola de Belas Artes, sua entrada na linha Poéticas Interdisciplinares foi um convite do professor Celso Guimarães, então seu colega de departamento. Fragoso trouxe consigo uma trajetória consolidada na articulação entre arte, tecnologia e culturas tradicionais, que logo se traduziu em investigações sensíveis e inovadoras no contexto do programa. Nos seus primeiros dois anos

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

no programa, Fragoso estimulou a integração dos pesquisadores com a Anpap e com os outros PPGs no estado do Rio de Janeiro. Foi nomeada representante regional da Anpap junto com Sheila Cabo Geraldo (Uerj) e promoveu o 1º Encontro Regional no Centro Cultural Hélio Oiticica. Nessa ocasião, durante a gestão da professora Maria Cristina Volpi Nacif, criou junto com a representação estudantil dos diversos PPGs o 1º Encontro de Programas de Pós-graduação em Artes do Rio de Janeiro, que se consolidou ao longo dos anos como um evento importante para a disseminação das pesquisas em arte no nosso estado. Dois nomes importantes de artistas pesquisadoras egressas do PPGAV que contribuíram para o 1º Encontro são Mariana Novaes e Lilian Soares, esta última atualmente professora adjunta no Departamento de Comunicação Visual da EBA/UFRJ.

O primeiro projeto de pesquisa de Malu Fragoso, intitulado Arte e tecnologia: redes transculturais em multimídia e telemática, tinha caráter fortemente transdisciplinar e integrava saberes de arte, ciência, computação, multimídia e culturas ancestrais. A pesquisa se dividia em dois eixos principais: arte/tecnologia digital e transculturalidade. No primeiro, explorava-se o desenvolvimento de interfaces físicas e virtuais, videoarte, desenhos em GPS, performances e animações interativas voltadas para a criação de instalações computacionais sensíveis à lógica da telemática e da experiência estética expandida. Já o segundo eixo partia de sua experiência anterior com o projeto Rede brasileira de IES para povos indígenas (UnB e Unemat) e aprofundava o diálogo com saberes indígenas por meio da arte e tecnologia. Um exemplo marcante foi a parceria com Josinaldo da Silva, estudante de medicina de origem Atikum, com quem criou instalações interativas e um documentário, *A saúde que se faz na aldeia*, reunindo também estudantes da EBA/UFRJ.

Ao longo dos anos, sua pesquisa se reconfigurou dentro do Nano, que passou a coordenar com Guto Nóbrega. Projetos como S.H.A.S.T. – Sistema habitacional para abelhas sem teto marcaram uma nova fase, voltada para a experimentação com ambientes híbridos e instalação de obras em espaços públicos. Nessas criações, a arte dialoga com a biotecnologia, os mitos indígenas e os rituais ancestrais, propondo experiências sensoriais e críticas sobre os modos de vida contemporâneos. Com apoio da Faperj, o projeto evoluiu para Arte e tecnologia em campos experimentais de naturezas híbridas – Projeto S.H.A.S.T., aprofundando a investigação sobre ecossistemas computacionais,

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

estética da presença e sistemas interativos que cruzam imagem, som, movimento e matéria viva. As criações derivadas desse processo foram apresentadas em exposições no Brasil e no exterior, como a obra *Néctar*, na mostra EmMeio#16, em 2024, no Museu Nacional da República.

Além da pesquisa, Fragoso atuou fortemente na extensão universitária e internacionalização do PPGAV, bem como na implementação e coordenação do Capes-Print. Um exemplo da importância da extensão foi a criação, junto ao Nano, do projeto Arte, ciência e tecnologia – Terra como hiperorganismo, em parceria com o Need (Unemat-MT). A proposta conectava o laboratório Nano a escolas indígenas, quilombolas e do campo no Mato Grosso, aproximando práticas artísticas e saberes tradicionais dos contextos da educação básica. A experiência durou quatro anos e foi uma maneira concreta de devolver à sociedade os frutos da pesquisa universitária e de tensionar os limites entre ciência moderna e epistemologias ancestrais. No que se refere à internacionalização, além de representar o programa e a instituição como um todo em eventos na França, Dinamarca, Comunidade Europeia em Bruxelas, em Portugal, entre outros, foi a principal incentivadora da adesão do PPGAV ao Programa Institucional de Internacionalização – Capes-Print Edital n. 41/2017, na gestão do então coordenador professor Felipe Scovino. Uma vez implementado o Print na UFRJ, foi responsável por sua coordenação entre 2018 e 2023. Bolsas e recursos passaram a ser disponibilizados no início de 2019, mas houve uma paralisação durante 2020 em consequência da pandemia de covid-19. Durante o período de sua coordenação foram beneficiados estudantes de doutorado com bolsas sanduíche, professores do programa em pós-doutoramento e missões de curto prazo, professores visitantes estrangeiros no PPGAV, além de custos de manutenção como a criação de uma página institucional para o Print na URL do PPGAV, em que foram publicadas chamadas e divulgados resultados entre outras informações necessárias. Essa experiência resultou também na integração de Fragoso no GT de internacionalização da Escola de Belas Artes.

Ao longo de sua trajetória na linha Poéticas Interdisciplinares, Malu Fragoso ajudou a transformar o conceito de arte e tecnologia dentro da universidade brasileira. Seus projetos, sempre atravessados pela escuta, pela colaboração e pela invenção de outras formas de estar no mundo, contribuíram decisivamente para a formação de novas gerações de artistas-pesquisadores e para o fortalecimento da linha como espaço de criação crítica, poética e política.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Nano. Celeiro hiperorgânico

Para entender o laboratório Nano e a produção do evento Hiperorgânicos, devemos considerar a trajetória de Guto Nóbrega, artista, pesquisador e educador, marcada pela construção de uma poética que entende a arte como um organismo estético – um sistema vivo e sensível, em constante mutação, que envolve múltiplas camadas de interação entre tecnologias, ecossistemas, manifestações sutis e presença. Formado no contexto das artes interativas na University of Plymouth, sob orientação do artista e teórico Roy Ascott, Nóbrega absorve e expande conceitos centrais da arte telemática e da cibercultura sensível, propondo uma prática artística que rompe com os paradigmas da representação.

Inspirado diretamente pelo artigo Field theory for post-modern art, de Ascott (1980), Guto compreende a arte como um fenômeno de campo: não um objeto isolado, mas uma rede de relações, intensidades e influências mútuas. Na visão de campo, a obra deixa de ser central e passa a ser transversal – emerge das conexões entre artista, espectador, meio ambiente, interfaces e códigos culturais. O campo artístico, portanto, é simultaneamente material e imaterial, subjetivo e interativo, afetivo e informacional. Híbrido por natureza.

Ao retornar ao Brasil em 2010, retomando sua posição como professor na Escola de Belas Artes da UFRJ, essa visão se concretiza com a fundação do Núcleo de Arte e Novos Organismos, na Escola de Belas Artes da UFRJ. O Nano é pensado como um espaço-laboratório em que arte, ciência e tecnologia são integradas, incluindo as práticas ancestrais, indígenas e ecossistêmicas, tendo como suporte o trabalho seminal de Malu Fragoso, nesse domínio.

No ambiente laboratorial do Nano, o conceito de hiperorganismo – desenvolvido por Nóbrega – amplia a noção de organismo estético ao descrever sistemas compostos por múltiplos agentes: seres vivos, dispositivos computacionais, redes de dados, atmosferas, memórias e saberes compartilhados. Um hiperorganismo é, assim, uma entidade-processo, um campo dinâmico em que a arte acontece como coemergência (Nóbrega, 2009).

Essa perspectiva culmina na criação do evento Hiperorgânicos, iniciado em 2011. Inspirado nos formatos de laboratório aberto observados no *hackerspace* C-Base (Berlim), o evento rompe com a lógica expositiva tradicional (o “cubo branco”) ao propor uma ambiência horizontal, em que artistas, cientistas, estudantes

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

e o público compartilham processos criativos em tempo real. Cada edição do Hiperorgânicos ocorre ao redor de uma grande mesa-laboratório, onde são desenvolvidas atividades performativas, tecnológicas, experimentais e sensoriais. Os projetos apresentados, muitas vezes em estágios embrionários, valorizam a instabilidade, a contaminação entre linguagens e a improvisação como métodos poéticos. Ao final do evento, ocorre um simpósio temático, ampliando o debate sobre os temas emergentes.

Estruturado como uma combinação entre *open lab* e simpósio, o Hiperorgânicos propõe um espaço-tempo de experimentação coletiva, em que o processo vale mais que o produto, e a instabilidade, a vulnerabilidade e a escuta ativa são fundamentos poéticos. Em sintonia com a teoria de campo de Ascott, o evento rejeita a rigidez da exposição tradicional e abraça a fluidez de ecossistemas criativos, nos quais a obra emerge da troca colaborativa, da coabitação e do improviso entre agentes humanos e não humanos.

Por intermédio do Nano e do Hiperorgânicos, Guto Nóbrega não apenas consolida sua visão de arte como um campo expandido de relações, mas também oferece uma plataforma crítica e sensível para repensar a arte contemporânea em chave pós-antropocêntrica. Sua prática estabelece um elo fértil entre pensamento teórico, invenção tecnológica e sensibilidade ecológica, contribuindo decisivamente para a vitalidade e profundidade da linha Poéticas Interdisciplinares.

Dados como matéria poética: práticas de visualização artística e pesquisa transdisciplinar

A visualização artística de dados constitui um campo de pesquisa e prática que articula processos estéticos, poéticos e técnicos, propondo leituras sensíveis e críticas dos dados. Diferentemente das visualizações convencionais voltadas para a clareza e a objetividade, a visualização artística explora ambiguidades, provoca reflexões e tensiona os limites entre informação e expressão sensível. Nesse contexto, os dados deixam de ser apenas representações numéricas e passam a ser compreendidos como matéria-prima para a criação de obras que interrogam, sensibilizam e reconfiguram modos de ver o mundo.

É nesse contexto que se insere a trajetória da artista-pesquisadora, *designer* e educadora Doris Kosminsky, cuja pesquisa sobre visualização artística

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

de dados se consolida a partir de sua vinculação ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2010, ano em que também fundou o LabVis – Laboratório da Visualidade e Visualização, um espaço dedicado ao desenvolvimento de projetos na intersecção entre artes, *design* e ciências, com ênfase em processos de experimentação, criação e reflexão crítica sobre dados, imagens e tecnologias. O LabVis se estrutura como um ambiente transdisciplinar, reunindo pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação com produção contínua, registrada e compartilhada em seu *site* (labvis.eba.ufrj.br), que funciona como acervo vivo de projetos, publicações, referências artísticas e materiais de pesquisa.

O interesse de Kosminsky pela utilização de dados no contexto artístico surge de forma latente, inicialmente relacionado à noção de arquivo na arte e da prática de artistas pioneiros da arte computacional dos anos 1960. Teve prosseguimento, contudo, a partir do final da primeira década dos anos 2000 quando o tema dos dados passou a ganhar mais visibilidade no campo artístico, especialmente impulsionado pela expansão das redes sociais e pela crescente mediação algorítmica das relações humanas e ambientais. Nesse contexto, os dados deixam de ser apenas registros passivos e passam a configurar uma camada estruturante da vida contemporânea. Tal condição, ao mesmo tempo técnica, política e estética, suscita um deslocamento no campo da arte: os dados tornam-se metáfora, linguagem e matéria. Nesse cenário, as visualizações extrapolam o campo digital, adotando formatos físicos e sonoros, explorando outras sensorialidades.

Ao longo de sua trajetória, Kosminsky também atuou como curadora das exposições Existência Numérica (2018) e Existência Numérica Emergências (2024), ambas organizadas em colaboração com Barbara Castro e Luiz Ludwig, professores e pesquisadores que também atuam na interface entre arte, *design* e tecnologia e que são respectivamente egressa e doutorando do PPGAV. As exposições tiveram grande impacto no campo da visualização de dados, sendo que a de 2018 pode ser considerada a primeira exposição da área realizada no Brasil. Acompanhadas de livros e seminários, essas exposições reuniram artistas e *designers* nacionais e estrangeiros, ampliando o debate sobre as potencialidades estéticas, políticas e críticas da visualização de dados.

A pesquisa de Doris Kosminsky se ancora metodologicamente no paradigma do *Research through arts and design* (Frayling, 1993), que compreende a

pesquisa como um processo no qual prática e teoria se retroalimentam. Nesse modelo, a produção de imagens, objetos e experiências não é apenas uma etapa ilustrativa, mas uma forma legítima de construção e geração de conhecimento. O fazer artístico se constitui, assim, como instrumento de investigação sensível, epistemológica e crítica.

Nos últimos anos, sua pesquisa tem se aprofundado em temas como educação e reflexividade em visualização, literacia crítica e visualização como prática decolonial, articulando essas investigações a abordagens como a visualização física de dados e às interseções entre dados, sociedade e meio ambiente. Essas frentes dialogam com os desafios contemporâneos da produção e circulação de dados, especialmente no contexto de plataformas hegemônicas e de economias extrativistas de informação. A visualização artística, inserida nesse debate, não apenas oferece contrapontos estéticos, mas também convoca reflexões sobre os regimes de visibilidade, os apagamentos e as assimetrias de poder que estruturam o mundo dos dados. Ao transformar dados em matéria sensível, a visualização artística revela que toda escolha estética é também uma escolha política: selecionar quais dados representar, decidir como organizá-los, definir o que destacar ou ocultar são atos que moldam percepções, constroem narrativas e tensionam fronteiras disciplinares e epistemológicas.

Poéticas corpo-Terra

Em sua trajetória e seus rumos de pesquisa, a artista-pesquisadora Mari Fraga se dedicou a trabalhar articulações entre artes e ciências, especialmente a partir de investigações a respeito das relações humano-natureza e suas discussões no pensamento contemporâneo, com foco nas associações entre corpo, natureza, paisagem e ecologia em contraste com análises críticas em torno da indústria extrativista, os usos de terras e corpos, e as tecnologias de produção e consumo.

A pesquisa ganhou amplitude com frentes de investigação acerca de epistemologias insurgentes e não hegemônicas, propondo aproximações e contrastes com o pensamento científico, especialmente a partir de cosmo-percepções afro-indígenas, latino-americanas e do sul global, que trabalham temáticas como ecofeminismo e agroecologia. Mari Fraga também foi criadora e editora da revista *Carbono*, publicação *online* que promoveu diálogos entre

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

pesquisas artísticas e científicas, fruto de premiação da Funarte em 2012 (www.revistacarbono.com), e que produziu duas edições, em 2014 e 2015, do evento Encontros Carbônicos, com exposições e debates entre artistas e cientistas.

Inicia a pesquisa em torno do carbono, que se torna um nó poético por meio de experimentações com fenômenos, ciclos e materiais baseados no elemento químico. A trajetória, guiada pela matéria, leva a um mergulho nos combustíveis fósseis (petróleo, gás natural e carvão mineral), direcionando a pesquisa para dimensões geopolíticas, técnicas e históricas que moldaram a sociedade contemporânea, e resultou na tese *Do fóssil ao húmus: arte, corpo e Terra no Antropoceno* (Frega, 2016).

Compõe a pesquisa uma série de procedimentos que vão do uso do corpo como tela-desenho-mapa – em performance em que agulhas de acupuntura apontam reservas de petróleo sobre um mapa-múndi marcado em sua pele por ação da luz solar –, assim como fabulações acerca do colapso de escalas entre o humano e o planeta por meio de cálculos, esculturas e matérias colocadas em fluxo – como a realizada durante o estágio doutoral na Konstfack University of Arts, Crafts and Design, em Estocolmo, Suécia, com bolsa Capes: uma ampulheta de 40cm feita em vidro soprado dentro da qual é inserido denso betume. O gotejar da substância na ampulheta era tão lento, que causava uma confusão temporal no público: o que parecia estático, na realidade pingava em intervalos de horas.

"Tempo fóssil" torna-se um conceito para tensionar a dicotomia entre natureza e artifício e tornar presente o colapso de escalas entre corpo e Terra e para refletir sobre como utilizamos materiais cujas dimensões nos transcendem, assim como seus impactos ambientais (Fraga, 2018). A série inaugura a pesquisa da analogia corpo-Terra – a Terra como um corpo; o corpo como um território. Pioneira na articulação entre o Antropoceno, as mudanças climáticas e a arte contemporânea nos programas de pós-graduação em artes do Brasil, a tese de doutorado investigou também o dualismo natureza e cultura, a genealogia do Antropoceno na história da ciência, além dos impactos do extrativismo sobre corpos, terras e culturas, inspirada por teorias ecofeministas, a agroecologia e as cosmopercepções afro-ameríndias (Frega, 2016).

A pesquisa se desenvolve também em articulações críticas entre as artes e as geociências, em séries como Minério-Hemorragia (2018) na qual observou que o extrativismo predatório neocolonial acontece de forma análoga em terras

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

e corpos subalternos: “o ferro do corpo, o ferro da Terra – a mineração como uma hemorragia”. Já atuando como professora do Departamento de Artes Visuais – Escultura da EBA-UFRJ, torna-se líder do grupo de pesquisa Arte:Ecologias, GAE, junto à professora doutora Paula Scamparini, desenvolvendo o projeto Geo-Astro-poéticas: articulações experimentais entre artes e ciências na época do Antropoceno, que conta com parceiros como o Instituto de Geociências, o Museu da Geodiversidade e o Observatório do Valongo.

Outra frente de pesquisa, essa inspirada por Donna Haraway, pelo ecofeminismo e pela agroecologia, compõe fabulações como a “agente húmus” – figuração que encarna a intimidade e o elo sensual corpo-terra, e que é capaz de realizar uma compostagem cultural e política no mundo – uma cosmopolítica do desejo. A investigação desenha associações críticas entre mulheres e natureza, e gerou outras personagens como as mulheres-daninhas e as ervas-ativistas, desenvolvidas em proposições poéticas, ensaios e artigos (Fraga, 2024).

Em 2021, ganha o prêmio na categoria *site-specific* do programa de residência Comciência, realizada pelo Museu de Minas e Metal, em Belo Horizonte, com imersão no acervo de mineralogia e parceria junto do laboratório do Centro de Pesquisa em Recursos Minerais, e articula a produção de imagens, técnicas e artesanais, e as matérias geológicas, utilizando tecnologias obsoletas.

Toda essa trajetória culmina em sua entrada como professora colaboradora no PPGAV, na linha Poéticas Interdisciplinares, com a qual tece relações de ressonância e proximidade, e no desenvolvimento atual do projeto de pesquisa Do fóssil ao húmus: articulações experimentais entre artes, ciências e epistemologias insurgentes na época do Antropoceno, que adensa as frentes temáticas da pesquisadora e se dedica a mapear e formar uma rede interdisciplinar de pesquisadores que trabalham com temas comuns.

Produção e inserção de egressos

A linha Poéticas Interdisciplinares tem se consolidado como um importante campo de formação de artistas-pesquisadores comprometidos com práticas artísticas experimentais, críticas e transdisciplinares. Sua pluralidade conceitual e metodológica se reflete diretamente na diversidade das linguagens exploradas pelos egressos, cuja produção se capilariza em múltiplos contextos da arte contemporânea no Brasil e no exterior.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Entre as áreas de atuação mais recorrentes, destacam-se: artes visuais, artes do vídeo, performance, dança, música experimental, visualização artística de dados, arte interativa, *design* especulativo, fotografia, práticas instalativas, escultura expandida, bioarte, arte e espiritualidade, pedagogias sensíveis, práticas colaborativas, arte e território, e poéticas do corpo. Muitos dos projetos desenvolvidos por esses artistas-pesquisadores abordam questões urgentes como ancestralidade, ecologia, tecnologia, memória, subjetividade, cultura digital, gênero e descolonização do saber.

A inserção profissional dos egressos tem se dado de forma ampla: atuam como artistas, *performers*, curadores, *designers*, docentes, pesquisadores e gestores culturais em instituições de ensino, centros de arte, museus, redes autônomas e coletivos artísticos. Além disso, organizam residências artísticas, exposições, publicações e eventos interdisciplinares voltados para a produção de conhecimento por meio da arte.

A abrangência internacional da linha também se evidencia na trajetória de egressos que migraram para países como Alemanha, Benim, Holanda, Finlândia, Portugal, entre outros, onde continuam suas pesquisas, colaborações e inserção acadêmica e artística. Isso também ocorre nacionalmente, uma vez que a atuação dos egressos tem alcançado diversas regiões e estados do país, do sul ao norte, contribuindo para a descentralização das práticas artísticas e acadêmicas no Brasil. Essa presença em diferentes contextos culturais reforça o alcance global da formação oferecida pela linha, marcada por um compromisso com a arte como prática crítica, relacional e situada.

Ao longo dos anos, a Poéticas Interdisciplinares se afirmou como um espaço fértil para o desenvolvimento de práticas artísticas que integram sensibilidade estética, rigor conceitual e engajamento com os desafios do presente, ampliando significativamente os horizontes epistemológicos da arte contemporânea.

Considerações finais

A linha Poéticas Interdisciplinares consolidou-se como polo de investigação e produção artístico-acadêmica de grande relevância. Seu caráter transdisciplinar e seu compromisso com práticas experimentais, críticas e sensíveis permitiram a formação de pesquisadores que atuam em diversas frentes da arte contemporânea. A diversidade de temas, métodos e meios abordados na linha reflete sua abertura a novos paradigmas de pesquisa e criação, sendo um exemplo notável

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

de integração entre pensamento e experimentação no âmbito da pós-graduação em artes no Brasil.

A PI afirmou seus primeiros passos na fotografia digital, na arte computacional, na experimentação interlinguagens e interdisciplinares; pôde, por meio de seu corpo docente e discente, expandir e integrar cada vez mais áreas de conhecimento, sem nunca deixar de reconhecer as linguagens tradicionais como base nuclear no campo da arte. Do desenho a lápis, ao origami de papel, da poesia declamada à performance de corpo vivo, da dança contemporânea aos rituais espirituais e mágicos, da fotografia analógica ao vídeo experimental, a integração de saberes e de práticas e suas perspectivas no contemporâneo, bem como os confrontos com a tecnologia e as ciências de ponta, foram desafios propostos, estimulados e enfrentados, sobretudo as poéticas compartilhadas, como propulsoras de realizações artísticas, obras e escritos, acontecimentos e realizações.

Guto Nóbrega (Carlos Agusto Nóbrega) *é doutor pelo programa The Planetary Collegium – University of Plymouth, UK (2009), professor da Escola de Belas Artes/UFRJ, vice-decano do Centro de Letras e Artes/UFRJ, vice-presidente da Câmara Técnica de Comunicação, Escuta Socioambiental e Cultural da Sustentabilidade e Educação Regenerativa/UFRJ, fundou e coordena o Núcleo de Arte e Novos Organismos e é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.*

Malu Fragoso (Maria Luiza Pinheiro Guimarães Fragoso) *é artista, pesquisadora e professora, doutora em artes e multimeios pela Unicamp e pós-doutora pela ECA/USP e Universidade de Nantes, França. Lecionou na Universidade de Brasília (1993-2008), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009-2025). É coordenadora do Núcleo de Arte e Novos Organismos desde 2010, onde desenvolve trabalho artístico que aborda a interação entre conhecimento tradicional e conhecimento científico, na intersecção com ciência, tecnologia e natureza.*

Marina Fraga (Marina Ferreira Frega) *é artista e pesquisadora, professora adjunta da Escola de Belas Artes e PPGAV/UFRJ, doutora pelo PPGArtes/Uerj e líder do grupo de pesquisa GAE Arte: Ecologias.*

Doris Kosminsky *é professora associada da UFRJ, onde atua nos Programas de Pós-graduação em Design e Pós-graduação em Artes Visuais. Fundou e coordena o Laboratório da Visualidade e Visualização, onde desenvolve projetos e pesquisas em visualização de dados, fisicalizações e processos criativos com o uso de dados. Tendo artigos e capítulos de livros publicados, dentre suas principais produções destacam-se a curadoria da exposição e organização do livro* Existência Numérica *(2018), primeira exposição de visualização de dados realizada no Brasil e* Existência Numérica: Emergências *(2024). Foi grantee do Grand Challenges Explorations – Brazil, Fundação Bill & Melinda Gates/CNPq. É bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq) e Cientista do Nosso Estado (Faperj).*

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Referências

ASCOTT, Roy. Towards a field theory for post-modernist art. *Leonardo*, v. 13, n. 1, p. 51-52. 1980.

CASTRO, Barbara; LUDWIG, Luiz; KOSMINSKY, Doris (orgs.). *Existência numérica: emergências*. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2024.

FRAGA, Mari. Amaranto – ervas-ativistas e mulheres-daninhas. In: *Caderno de receitas de artista*. Rio de Janeiro: Instituto Goethe Rio, 2024, p. 66-70.

FRAGA, Mari. Tempo fóssil: petróleo, arte e corpo na cosmopolítica do Antropoceno. *Revista Brasileira de Estudos da Presença* [eperiodico], v. 8, p. 31-62, 2018.

FRAYLING, Christopher. *Research in art and design*. London: Royal College of Art, 1993.

FREGA, Marina Ferreira. *Do fóssil ao húmus: arte, corpo e Terra no Antropoceno*. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

KOSMINSKY, Doris; LUDWIG, Luiz; CASTRO, Barbara. *Existência numérica*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.

NÓBREGA, Carlos Augusto M. da. *Art and technology: coherence, connectedness, and the integrative field*. (PhD in Interactive Arts). Planetary Collegium – School of Art and Media, University of Plymouth, Plymouth, UK, 2009.

Como citar:
NÓBREGA, Guto; FRAGOSO, Malu; FRAGA, Marina; KOSMINSKY, Doris. Poéticas Interdisciplinares: entre linguagens. Dossiê 40 anos de PPGAV pelas suas linhas de pesquisa: memórias. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 49, p. 378-393, jan.-jun. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: https://doi.org/10.60001/ae.n49.22. Disponível em: http://revistas.ufrj.br/index.php/ae